

Com Brasil

O Brasil do ano 2020

11 SET 1997

ESTADO DE SÃO PAULO

O Brasil terá, até o ano 2020, peso muito maior que o de hoje na economia mundial, juntamente com outros quatro grandes países emergentes — Rússia, China, Índia e Indonésia —, segundo estudo do Banco Mundial (Bird). Não se trata de previsões, mas de projeções fundadas tanto em avaliações de tendências quanto em algumas hipóteses da maior importância — como, por exemplo, a continuação de políticas de ajuste e de reforma. Cenários como esse, com o País ocupando uma posição destacada, em geral ocasionam reações de dois tipos. Quem está no poder, ou na sua vizinhança, converte a boa notícia em autopromoção. Outros desprezam a novidade, ou porque são naturalmente pessimistas ou porque o otimismo é contrário a seus interesses políticos.

A reação mais perigosa é o “por que me ufano de meu governo”. As projeções do Bird são antes de tudo um desafio. É como se os autores do estudo estivessem dizendo aos brasileiros: “Vejam o que vocês podem fazer, se tiverem um mínimo de juízo e de competência.” E ainda: “Se não fizerem a lição de casa, vocês perderão muito mais do que um

pessimista poderia imaginar — porque o pessimista, afinal, não espera muito do potencial do País.”

Se as projeções forem confirmadas, o Brasil controlará em 2020 uma fatia de 2,5% da produção global. Em 1992, a participação correspondia a 1,5%. Dos cinco grandes emergentes, só a China deverá ter um peso maior que o do Brasil, com 3,9% do produto mundial. No cenário geral, os cinco grandes emergentes poderão ter um crescimento econômico de 5,4% ao ano, em média, entre 1997 e 2020. O Brasil aparece com 4,6%, o menor índice nesse grupo. O crescimento, de acordo com as projeções, deverá ser de 7% para a China, 6,9% para a Indonésia, 5,8% para a Índia, 5,5% para a Rússia e 4,6% para o Brasil.

Um ritmo anual médio de 4,6% durante esse período parece, à primeira vista, um objetivo fácil. Não é bem assim. Será necessário romper, entre outros, o limite representado pelo desequilíbrio externo. As exportações terão de crescer mais velozmente que no período entre 1994 e 1997 e as importações deverão aumentar um pouco mais lentamente, não, como é óbvio, por efeito de proteção ou de política recessiva. Será preciso investir

uma parcela maior do PIB e isso dependerá de uma situação fiscal mais equilibrada. As condições, de modo geral, são conhecidas de todo mundo, mas nem por isso serão facilmente realizadas. Não dependem exatamente de acertos econômicos, mas de remoção de obstáculos políticos. Não é seguro que haja, em Brasília, um número suficiente de políticos com a clara percepção desse problema — ou com a disposição de apoiar as decisões corretas.

Tomar as decisões erradas, ou demorar demais na remoção dos obstáculos, poderá resultar em algo pior que um desperdício de oportunidade. Outras economias emergentes com certeza continuarão a crescer e a ocupar espaços. Terão maior peso não só no comércio internacional, mas também na atração de capitais e nas decisões de interesse multilateral. O cenário desenhado pelos técnicos do Bird não se refere a uma coleção de economias justapostas. Representa um conjunto articulado. Além disso, o impacto da abertura de economias como a russa e a chinesa pode estar até

subestimado.

As possibilidades de crescimento serão determinadas também pelo avanço maior ou menor da liberalização comercial, pela prosperidade no Primeiro Mundo e pelas condições financeiras criadas nos principais mercados. Parte das possibilidades de crescimento,

portanto, dependerá de políticas formuladas por outros governos ou em foros internacionais de negociação. Política externa e política interna terão de ser firme-

mente articuladas, e isso dependerá de uma clara fixação de objetivos. O País pode ter esses objetivos, independentemente de haver vários partidos e diferentes concepções em disputa. Mas, para isso, será necessário que as grandes negociações internas — sobre condições de emprego e de seguro social, por exemplo — sejam conduzidas com a clara consciência do cenário global. Se os brasileiros forem capazes de formular projetos nacionais com essa amplitude, poderão garantir, para 2020, um lugar talvez até melhor que o projetado pelos técnicos do Bird.

**Projeções
apontam enormes
oportunidades
para quem tiver
algum sentido de
estratégia**